

“NOVA LIMA, MIL PECADOS”: QUANDO O RAP GRAFITA UM CONTEXTO SOCIOCULTURAL

Nizael Flores de Almeida [1]
Lucilene Soares da Costa [2]

Resumo: Este trabalho tem como objetivo central ler criticamente a letra da música “Nova Lima, mil pecados” do grupo de rap *La firma* com a finalidade de apreender aspectos linguísticos, literários, geográficos, sociais e culturais que evidenciem nessa composição uma percepção singular do meio de onde o grupo fala e, a partir de então, procurar estabelecer relações da música com o ensino de Língua Portuguesa, Artes e outras disciplinas em uma escola pública. Nova Lima é uma região periférica de Campo Grande - MS, bastante populosa e frequentemente noticiada nos meios de comunicação locais por violências e prisões realizadas, esse contexto sociocultural fica bastante evidente a partir das alusões e metáforas presentes no rap objeto desse estudo. Para discutir o tema, faz-se uso da abordagem histórico-crítica em diálogo com algumas obras de Paulo Freire que explicitam a importância da interface entre os conhecimentos científicos e os originários da cultura local, mais próximos das experiências e do cotidiano do estudante. Freire defende que a educação é capaz de ensinar o sujeito a ler o mundo ao seu redor, compreendê-lo e lutar para superar as opressões, o que em muito dialoga com o rap “Nova Lima, mil pecados”. Dessa forma, foi possível ler o rap como manifestação cultural que tem muito para contribuir no espaço escolar para uma educação libertadora e democrática, embora a escola ainda precise avançar nessa direção, especialmente a escola pública, que se deseja democrática e participativa.

[1] Possui graduação em Letras pelo Centro Universitário da Grande Dourados (2014), atuando principalmente nos seguintes temas: teatro, leitura dramatizada, ensino, teatro-escola e literatura. Foi ganhador da etapa estadual do 11º Prêmio Professores do Brasil (2018) na categoria Ensino Fundamental de 6º ao 9º Ano. Desde 2015 atua na rede municipal de Educação de Campo Grande- MS, ministrando aulas nas disciplinas de Língua Portuguesa e Iniciação aos Estudos Literários. Atualmente é mestrando no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu - Mestrado Profissional em Educação, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

[2] É licenciada em Letras (Português/inglês) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), mestre e doutora em Letras pelo Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo (USP). Desde 2006 atua como docente do quadro efetivo da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. É membro do Grupo de Pesquisa Estudos de Narratividade (UEMS) e do Grupo de Estudos e Pesquisa Produção Escrita Psicanálise (GEPPEP/USP).

Palavras-chave: Educação. Linguagem. Rap. Paulo Freire. Espaço.

Abstract: This work has a main goal to critically read the lyrics of the song “Nova Lima, a thousand sins” of the rap group La Firma in order to apprehend linguistic, literary, geographic, social and cultural aspects that show in this composition a unique perception of the environment of where the group speaks from and then try to establish relations between music and the teaching of Portuguese Language, Arts and other subjects in a public school. Nova Lima is a peripheral region of Campo Grande – MS, quite populous and frequently reported in the local media for violence and arrests. This sociocultural context is quite evident from the allusions and metaphors present in the rap object of this study. To discuss the theme, the historical-critical approach is used in dialogue with works by Paulo Freire that explain the importance of the interface between scientific knowledge and those originating from local culture, closer to the student’s experiences and daily life. Freire argues that education is capable of teaching the students to read the world around them, to understand it and to fight to overcome oppression. It can be seen in the rap culture and also in the song “Nova Lima, a thousand sins”. In this way, it was possible to read rap as a cultural manifestation that has a lot to contribute in the school space for a liberating and democratic education, although the school still needs to move in this direction, especially the public school, which longs for being democratic and participative. Keywords: Education. Language. Rap. Paulo Freire. Space.

Introdução

Esse trabalho parte da música “Nova Lima, mil pecados” do Grupo de Rap *La Firma* para fazer uma análise do contexto histórico, social e cultural de que ela trata, ou seja, a região norte de Campo Grande, na qual um dos autores atua como educador em uma escola pública municipal. A perspectiva de análise se ampara na ideia, discutida na obra paulofreiriana de que é preciso que o professor conheça o que os educandos já sabem quando chegam à escola para que os ajudem “a saber melhor o que já sabem, de um lado e, de outro, para a partir daí, ensinar-lhes o que ainda não sabem” (FREIRE, 1997, p.70).

Dessa forma, propomos a leitura de uma manifestação cultural concebida e consumida por jovens da região norte de Campo Grande a fim de verificar de que maneira a prática pedagógica com artefatos culturais produzidos na comunidade pode ajudar na interface entre os

conhecimentos próprios ao currículo escolar e aqueles próprios à comunidade local. Assim, o percurso de análise trará inicialmente uma descrição geral do lugar onde a escola está inserida e suas implicações sociais para em seguida passar a leitura e interpretação da música tendo em vista sua potencialidade em uma prática educativa emancipadora.

Aproximações ao tema

O grupo de rap *La Firma* é composto por cinco integrantes e existe desde 2015, todos os integrantes moram na região norte de Campo Grande – MS. A música “Nova Lima, mil pecados” foi composta pelo grupo e lançada em vídeo clipe nas plataformas digitais em 2017. A música carrega o nome de um dos bairros mais conhecidos e importantes da região norte de Campo Grande, o Nova Lima, nascido na década de 1980, em um período em que a população de Campo Grande havia dobrado em apenas uma década, migrantes eram atraídos com as promessas de prosperidade do novo estado de Mato Grosso do Sul e Campo Grande era a novíssima capital. Mato Grosso foi dividido em 1977 e dessa divisão nasceram os estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

O bairro Nova Lima, por sua localização geográfica mais afastada do centro da cidade, sempre abrigou trabalhadores e foi bastante negligenciado por políticas públicas. A instalação de escolas, creches e até de água encanada foram resultados de inúmeras lutas dos moradores que ali se instalaram. Essa região atualmente é uma das mais populosas da cidade e apesar dos investimentos ainda é considerada uma região periférica.

O grupo *La Firma* reúne-se e produz suas rimas com o intuito de denunciar as violências a partir desse contexto. Segundo um dos integrantes do grupo, Rodrigo Camargo: “nossa música é um grito, tentando mostrar que a situação precisa ser modificada. Já vi muitos amigos morrerem. Por isso chamamos atenção para essa questão, por meio da nossa música e das nossas ações: uma violência que não pode ser causada por danos” (Jornal Correio do Estado, 2017).

Embora Campo Grande ainda não tenha uma longa tradição de grupos de rap, há alguns artistas construindo esses espaços e o movimento do *hip hop* tem crescido junto com a cidade e suas desigualdades. Nesse sentido, atualmente o rap talvez seja o gênero que melhor representa esse papel de denúncia e comunicação dessa realidade.

Sposito (1994), dentre outros, destaca o rap como uma manifestação cultural da periferia enquanto gênero musical, consumido pela juventude, em especial, negra e trabalhadora. O rap

é parte de uma vertente cultural mais ampla denominada cultura *hip hop*, estruturada em três pilares principais, que constituem sua expressão artística ideológica: a dança, representada pelo *break*, a pintura pelo grafite e a música expressa através do rap (GUASCO, 2001; OLIVEIRA, 1999; SPOSITO, 1994).

O movimento *hip hop* nasceu nas periferias de Nova Iorque na década de 1970 e desde sua origem sempre teve um caráter crítico, haja vista que os artistas produzem arte para expor suas experiências, vivências e histórias, normalmente marcadas por violências e negligências, podendo ou não propor soluções. Esse movimento nasceu muito associado ao movimento da negritude, porém com sua expansão pela América Latina nas décadas de 1980 e 1990, incorporou outras vozes, mas sempre mantendo a característica de denúncia das violências, da pobreza e da discriminação (TICKNER, 2008).

Destaca-se ainda que o rapper ao se manifestar artisticamente expressa a visão de mundo da classe trabalhadora à qual pertence a maioria de seus seguidores, falando a partir do lugar de onde eles vivem. No Capitalismo, esse tipo de criação é lida como subversiva da ordem dominante e, por isso, no contexto específico da periferia, o rap pode contribuir para o processo de emancipação humana, no sentido marxista (MARX, 2005), pois possibilita a identificação das negligências e mazelas enfrentadas pela periferia, abandonadas pelo estado, ao mesmo tempo que conscientiza os indivíduos sobre a divisão da sociedade em classes e dessa forma permite que os sujeitos desses contextos se conscientizem do lugar que ocupam na sociedade capitalista, possibilitando o surgimento de movimentos de luta e resistência.

Optamos inicialmente por uma leitura da música “Nova Lima, mil pecados” a partir de perspectiva imanente, isto é, concentrada na letra escrita, que será tratada como um objeto cultural. Após essa etapa, passar-se-á a aproximações da letra com a teoria freiriana e sua relevância no contexto escolar. Para os fins a que se propõe o trabalho, não cabe aqui desenvolver análise literária ou juízo do valor musical da obra, ainda que tais etapas possam ser perfeitamente válidas em sala de aula, mas tão somente explicitar quais os elementos que concorrem para a riqueza de tal peça cultural, que reflete todas as tensões de determinada experiência histórica na periferia de Campo Grande, em contexto educacional. Pois, como propõe Gramsci,

a linguagem contém os elementos de uma concepção de mundo e de cultura, será igualmente verdade que, a partir da linguagem de cada um, é possível avaliar a maior ou menor complexidade da sua concepção de mundo. (GRAMSCI, 2010, p.71).

Aproximações à obra

Nesta seção transcreveremos a letra de rap na íntegra a fim de melhor compreender o espaço social retratado, as referências e os processos históricos às quais ela tão bem faz alusão.

NOVA LIMA, MIL PECADOS

Refrão: Veja só,
poeira baixa e o que sobra é os b.ó
Zona norte se afundando em pedra e pó
Ó meu Sr. , Amor e só...
Veja só,
quantos muleque bom foi na quebra sem dó
É mãe de luto, ferro na mão dos menor...
Ó meu Sr. Amor ou pó...
Abraão
E os pipoco se contrasta com os batidão do funk
Em plena madrugada, bien venido a Campo Grande
No celeiro de fartura falta rango e grana
E no mundo de pouco amor , de nada importa a fama
Eu pergunto pra meu Sr. Porque tanto terror nas trama?
O ódio nos menor emana
O sorriso de criança se perdeu no breu,
Se liga pai, Aqui estou eu
Mais um pobre pecador,
Outro louco sonhador
Sempre procurando a paz
Uma cura pra minha dor
Sim eu sei a vida é assim
Infelizmente tem um fim
Várias almas num só caminho
Sinto o aroma de jasmim
Num cenário em tom carmim
Folhas secas num jardim
Flutuando com o vento e o tempo vai se movendo
E eu aqui parado e vendo

Com a mente em movimento
Num extinto sempre atento
Compreendo o sofrimento
É o que da forças pra vencer,
Na lei do cão sobrevivendo
E isso mesmo sem saber
Sei que Deus vai me guiar
Muita luz nessa jornada
E a paz sei que vou encontrar.....

Juninho,
...e eu vi,
Tudo se corromper pelo sonho da prata
Pega e traga, clack e mata Campo grande city, se nao morre, mata.
Guarda a baga que o relógio aqui não para,
Segura a resposta que os meus não passam pala
Embrasado igual curuja
Numa sexta feira vaga
Vendo tudo e ninguém me vê, vendo as ticas arrastando a placa
E antes que eu termine esse som, mais dois na vila zona norte foi pra vala e ódio exala
E a morte segue a pátria sangue suja, quanto custa?
Cinquenta tons de vermelho, não é livro, mas tá rua
E a cura me surta
E eu sigo a conduta.
Brisa fina, no rádio ouvindo marina
Ao mesmo tempo a bala avisa
Vivendo em meio ao caos, medicina.
Transformei música em morfina
Na conexão hostil, Ponta Porã, Brasil
Trilhando a vida Chegando com rima
Anache e nova lima
Caneta na mira
Pra quem desprezou o corre
Então corre....

Refrão.....

Luan,

Aqui se cai pelas neurose
Um dos mentor salve D.C
Em sacrifício a vida pede
E aí de nois se não aprender
Querendo ou não, irmão
Aqui viramo espelho
Um referencial dos mais novo, mesmo na margem do erro
As vezes sem flagrante na bota e sem ter nada na cintura,
Injuriado dos abuso e opressão das viatura
Tudo isso me subiu
E deu um grande exemplo
Me cansei de forçar minha caminhada contra o vento
Histórias como essa fi , são sempre sem rumores,
Por nos la no Saara e com suor regando flores
Errei, eu sei, mas eu tentei bater de frente
No erro, não dá restart, que nem vídeo game
Aprendi que não é jogo,
Não da pior maneira,
O fim chega tão rápido e bem antes que perceba
Talvez tarde demais depois da alvorada
É que aqui o tempo não cansa e a pista tá molhada

Lucas,
Não é filme de ficção, não, é realidade e rancor
Quantas famílias na quebrada ofuscada pela dor
Saudades que consome
Várias percas irreparáveis
Nada que se vai com o vento, mano, o banguê é sem massagem
Eu te pergunto será, que ainda dá pra cultivar a semente do amor, sem rega lá na in-
certeza
Muitos se matando por motivos fúteis
Drogas calibre e grana
A sete palmas não tem fama
Eu questiono sr ,Amor e só,
Amor ou pó
Amar o próximo é difícil...

Refrão....

Rodrigo,
A violência nos acerta muita antes de sangrar
Ceifaram dois, a morte flerta, notícia acaba de chegar
Em cada rua dessa quebrada, já vi um defunto,
Se não gostou, adianta a faixa, eu vou pesar nesse assunto
Nova lima, mil pecados, lado norte, campo grande
Não se ilude com as ruas de barro, o perigo é constante
As lojinha à milhão, tem farmácia em várias quina
Não é o Rio, aqui é Campão e os menorzin tá na estiga
Engarupado na Titan, com o três janelas na cintura,
Trombo o leviatã e mais três demônios na viatura
Nem chegou aos quinze
Sonhando em ser do quinze
Ter droga, muita grana, vários pente e um AR-15
A mãe soca o peito do filho morto no chão
Zé povinho ri do feito e aplaude a situação
Pic terra do nunca tudo pode acontecer
Desavença, guerra, usura, gera corpos no rolê
Quantos cria viraram sorriso estampado em peita
O ódio e a maldade viralizaram, essa porra ja é uma seita
A coroa jamais se cura, seu filho olha suas fotos
Atrás de uma curva tua, a lágrima distorce o foco
Como era o meu velho
Vó, senta aqui e me fala
Pessoa de escaravelho
O ódio mutila a alma
Sem saída o banguê banguê
E muito mais que uma vingança,
Desse outra dose de sangue
E dois tragos dessa bagana
Progresso pra ninguém
Matar nunca será vitória
O nova lima é mil pecados e a paz é minha única proposta...

(NOVA LIMA. 2017)

Passamos em seguida a um comentário geral do texto transcrito. A letra do rap está organizada e dividida em partes, em que cada trecho é protagonizado por um dos integrantes do grupo e o refrão em conjunto intercalando cada parte. Utilizando de linguagem própria, marcada por rimas, gírias e referências culturais locais, o grupo traz à tona já nos primeiros versos da composição o tema principal, a violência e suas diferentes formas: drogas, tráfico, polícia, armas de fogo, vingança e negligência do Estado.

As drogas enquanto tema são abordadas de diferentes formas ao longo do rap, sempre sob a perspectiva de produtos ilícitos, dividindo o discurso em duas perspectivas, uma mais evidente: a relação das drogas com a violência e o tráfico, e uma menos evidente, desenvolvida por meio de gírias e palavras sinônimas em que a maconha é discursivamente dissociada da primeira relação.

Assim nos trechos: “Zona Norte se afundando em pedra e pó” verso extraído do refrão, as palavras “pedra” e “pó” são respectivamente sinônimos de crack e cocaína; adiante, na parte cantada por Lucas, o trecho “Droga, Calibre e Grana” são explicações da causa de mortes fúteis; na última parte, o rapper Rodrigo afirma que “Ter droga... muita grana” é o sonho dos adolescentes do bairro, que em geral não é alcançado, pois muitos desses jovens não chegam aos 15 anos de idade. Nesses trechos fica evidente uma relação das drogas ilícitas com as violências que acerçam o bairro.

Em contrapartida, comparecem várias referências à maconha, não como droga e também não associado à violência, como podemos observar na referência indireta do trecho protagonizado pelo rapper Abraão “com a mente em movimento” ou nas citações mais diretas nos trechos da parte do rapper Juninho “guarda a baga” e “Brisa Fina”, a palavra “baga”, “bagana” ou “fino” são referências a cigarros de maconha. Esse tratamento dado à maconha demonstra uma percepção atenuada, senão positiva, desses sujeitos em relação a esse entorpecente.

Nesse sentido, observa-se que o termo droga como negativo ou pejorativo está bastante associado ao tráfico de drogas e seus reflexos na região. Destacam-se os seguintes trechos: “Bien Venido Campo Grande” e “Na conexão hostil Ponta Porã – Brasil” nos quais pode-se deduzir a influência da proximidade geográfica de Campo Grande com a fronteira seca Brasil - Paraguai, localizada nas cidades limítrofes Ponta Porã - Pedro Juan Cabalero, trecho que é um dos maiores portais de entradas de drogas ilícitas no Brasil. A proximidade com a fronteira reforça a relação dos bairros periféricos com o tráfico, claramente explicitado como sinal negativo, pois leva crianças e adolescentes para esse universo, como pode ser observado no trecho “Não é o Rio, aqui é Campão e os menorzin tá na estiga/ Engarupado na Titan, com o três janelas na cintura”.

Há uma preocupação na letra do rap com os reflexos do tráfico de drogas na vida de jovens e adolescentes da região, quase sempre proveniente do desejo da ascensão social que o tráfico acaba oferecendo aos jovens periféricos com a promessa de uma vida financeira melhor como podemos observar nos trechos: “tudo se corromper pelo sonho da prata” ou “Nem chegou aos quinze/sonhando ser do quinze”, sendo respectivamente, quinze anos e aquele que porta um Fuzil AR 15 (arma de fogo).

A violência policial é outro tema recorrente no texto, como nos trechos “injurado dos abuso e opressão nas viaturas” e “Trombo o leviatã e mais três demônios na viatura”¹, a polícia aparece sempre de forma opressiva, relacionando-se a abusos e confrontos na periferia. No verso destacado compreende-se que a polícia seja um serviço do Estado, ou seja, a atuação do poder público, contudo a presença dessa força é no mais das vezes desencadeadora de mais formas de violência.

Nesse contexto, destacamos outras referências à presença ou à ausência do poder público na letra do rap. O trecho “No celeiro de fartura falta rango e grana” opera uma intertextualidade irônica com o hino de Mato Grosso do Sul, trazendo à lembrança de forma contrastiva duas imagens – a real e a idealizada - do mesmo espaço geográfico, ainda que em épocas distintas. O rap revela de forma cadente a precarização da existência, a falta de alimento e dinheiro do momento histórico presente, e define o contexto como “Na lei do cão sobrevivendo”, “Em cada rua dessa quebrada, já vi um defunto” e finaliza “Não se iluda com as ruas de barro, o perigo é constante”. Dessa forma, observa-se a presença do poder público com uso da força na ação da polícia contra os moradores, em contraste com a falta de outros serviços como o calçamento de vias, alimento ou renda básica.

A arma de fogo e a vingança é outro tema recorrente em toda a letra da música, a vingança não apresenta uma explicação explícita na letra, mas é resultado dos assassinatos e mortes decorrentes do uso de arma de fogo e quase sempre injustificáveis. No trecho “Desavença, guerra, usura, gera corpos no rolê/ quantas crias viraram sorriso estampado em peita” há possíveis explicações para as mortes e as vinganças seguidas dela, quase sempre marcadas pela arma de fogo, estas também associadas ao tráfico de drogas como nos trechos “clack e mata Campo

[1] Há aqui uma relação intertextual com a obra de Thomas Hobbes, *Leviatã* (1650), texto clássico que descreve o estado policial absolutista, caracterizado por sua função preponderante de segurança. Contudo, a citação na música nos parece irônica tendo em vista que a concepção hobbesiana via o papel do estado como necessário para garantir a liberdade do indivíduo em contraposição a um Estado de Natureza em que prevaleceria a força. Em “Nova Lima, mil pecados” essa função policial protetora parece ausente.

Grande *city*, se não morre, mata” e “ter droga, muita grana, vários pente e um AR 15”.

Também há referências às armas de fogo ou ao barulho produzido por elas como cenário do cotidiano no bairro Nova Lima como se observa nos trechos “E os pipocos se contrastam com os batidão do funk”, “ao mesmo tempo a bala avisa” e “o banguê é sem mensagem”. Decorrente ou não do uso de armas de fogo há referências constantes à morte em todo o rap, seja metafórica, como na rima “aroma de jasmim/ tom carmim”, seja em citações mais diretas como nos versos: “cinquenta tons de vermelho, não é livro, mas tá”, “foi pra vala e ódio exala”, “A sete palmos não tem fama”, entre outras.

Compreende-se que a violência é o tema central da letra da música, e que esse tema é gerado pela desigualdade social, que é resultado da ausência ou negligência de políticas públicas na região. Esse cenário permite que o crime organizado, mais especificamente o tráfico de drogas, se instale e crie suas regras e ao fazer isso acaba ocupando o espaço do poder público na região, inclusive na segurança pública. Essa relação é contraditória e complexa, haja vista, que assegura liberdade e renda para uma parte da população, o que comprova a atração de alguns jovens em ascender socialmente via o crime organizado e por outro lado gera medo e insegurança por outra parte da população, quando dos enfrentamentos, assassinatos e tiroteios na região.

Essa relação é complexa também, pois estigmatiza as pessoas que moram no bairro e reforçam uma ação truculenta e opressora por parte da polícia, isto é, para além de reflexão profunda sobre a militarização da polícia e as relações de raça e desigualdade social, de extrema importância, ainda que, por questões de espaço, não seja possível desenvolvê-las nesse artigo.

Outro aspecto relevante na letra do rap é a linguagem empregada com uso de uma variante popular entre jovens da periferia das capitais brasileiras, onde a linguagem é intencionalmente marcada pela desobediência à norma culta da língua portuguesa, impregnada de gírias e tom coloquial, elementos que tornam o texto mais próximo da comunidade, especialmente dos jovens da periferia. Quanto ao uso desviante da língua Preti (2000) afirma que,

conduz a um espírito de irreverência, de intimidade, de aproximação maior entre os interlocutores, o que vem a facilitar certas situações de comunicação. Trata-se de uma forma de aliviar a tensão conversacional e atender a nossos interesses interacionais (PRETI, 2000, p. 219).

As referências a outros artistas ou produtos culturais também são reflexos desse objetivo de comunicação, tais como: “Brisa fina, no rádio ouvindo Marina” a referência à cantora campo-grandense Marina Peralta ou “Cinquenta tons de vermelho, não é livro” referência ao filme/

livro *bestseller* *Cinquenta tons de cinza*, ambos produtos bastante consumidos por jovens nas periferias de Campo Grande.

Ainda em termos de linguagem é frequente uma aparente aclamação aos céus ou a deus por parte dos rappers, sinal da intensa religiosidade nas camadas mais pobres, como se a música servisse como diálogo com o sagrado especialmente no desejo de uma solução pela paz e amor. Isso fica evidente no refrão “Ó meu Sr... Amor e só”, pois a outra opção é “Amor ou pó” e no caso de optar pelo “pó” é sinônimo de mais violência e continuidade desse ciclo danoso que resulta em “quantos muleque bom foi na quebrada sem dó/ é mãe de luto”, e por isso o rap finaliza “O nova lima é mil pecados e a paz é minha única proposta”.

O papel dos rappers na produção da letra “Nova Lima, mil pecados” é, portanto, de denúncia, mas também pedagógico, como podemos observar no trecho “E aí de nois, se não aprender/ querendo ou não, irmão/ aqui viramo espelho/ um referencial dos mais novo, mesmo na margem do erro”, há portanto uma clareza da função pedagógica do rap, que é anunciada nesse trecho, mas também na linguagem muito próxima aos possíveis interlocutores, como apontado acima. Assim, o rap é uma manifestação artística que pensa, produz e educa dentro de uma comunidade.

A característica pedagógica do rap é consciente por parte dos rappers, pois compreendem que são exemplos para crianças e jovens, quando optam por tornar essas experiências em uma manifestação cultural, no caso o rap, com essa linguagem comum e por meio desse gênero, considerado acessível e de interesse de jovens periféricos, se concretiza também em um ato educativo.

Consideramos que vale a pena aprofundar as relações do rap com a educação a partir da perspectiva de um dos maiores educadores do país, cujo pensamento sempre se pautou pela busca de estratégias para educar as comunidades mais desfavorecidas e expropriadas da sociedade.

Aproximações à escola e ao pensamento freiriano e seus desdobramentos

Em sua obra clássica, *Pedagogia do Oprimido* (1974), Paulo Freire propõe uma pedagogia revolucionária que quer apagar a contradição opressor-oprimido via educação, o que para o autor se daria via conscientização do oprimido e luta contra seus opressores para afirmar a “vocação ontológica do homem de ser mais” (FREIRE, 2007, p. 70). Nesse sentido, podemos

vislumbrar na figura do rapper o sujeito que compreende sua condição de oprimido, mas também que é capaz de lutar contra seus opressores e o faz não somente denunciando tal realidade, mas também conscientizando a juventude.

Freire alerta que é preciso superar a dicotomia educador - educando, pois ninguém educa ninguém, mas os homens se educam entre si, isso quer dizer, que todo sujeito é também educador e educando em tempo integral (FREIRE, 2007). Nesse sentido, o rap cumpre esse papel e contribui para o processo a que o autor chamará de Educação Problematizadora, que “se faz, assim, um esforço permanente através do qual os homens vão percebendo, criticamente, como estão sendo no mundo, com que e em que se acham” (FREIRE, 2007. p. 41), conseqüentemente, a música colabora nessa construção de ser no mundo e na leitura crítica dele.

Portanto, o fazer pedagógico do rap nesse contexto é também um ato político, no sentido freireano em que “do ponto de vista crítico, é tão impossível negar a natureza política do processo educativo quanto negar o caráter educativo do ato político” (FREIRE, 2011, p. 34) e isso se dá em “Nova Lima, mil pecados” em duas perspectivas: na denúncia crítica da realidade e na conscientização da juventude nesse contexto.

A região norte de Campo Grande possui cerca de quinze escolas públicas, entre municipais de educação infantil, municipais de educação de ensino fundamental e estaduais de educação de ensino fundamental e médio que atendem as crianças, adolescentes e jovens que estão inseridos nesse contexto retratado na letra do rap, mas também os jovens que fruem esse estilo musical. Por meio da música também podemos acrescentar ao gosto musical desses jovens o funk como sugere o trecho “e os pipoco se contrasta com o batidão do funk”.

Assim, faz-se necessário compreender o papel da Escola Pública na contemporaneidade, bem como essa escola foi construída historicamente. Gilberto Luís Alves em sua obra *A produção da escola pública contemporânea* (2001), ao tratar do papel da escola pública contemporânea, ressalta que a escola chegou aos filhos da massa trabalhadora rompendo o cenário dualístico da formação propedêutica e da formação técnica profissionalizante. Desse período em diante, a divisão do trabalho no âmbito da educação foi reorganizada com a difusão da ideia de escola para todos.

Para Alves (2001) o novo momento do Capitalismo forçou a reconfiguração do Estado, considerando uma realidade de desemprego cada vez mais real, onde o Estado burguês tornou-se o Estado do capital, para assim atender os conflitos cada vez mais frequentes e preservar a ordem capitalista.

O autor afirma que a escola pública se desenvolveu em um cenário de expansão de atividades improdutivas, contribuindo para manter os trabalhadores excluídos em extratos intermedi-

ários da sociedade, através de uma organização didática ultrapassada e pautada na reprodução de conhecimentos simplórios dos manuais didáticos. Assim, observa-se que a escola está construída para manter a sociedade dividida em classes, ou seja, a escola colabora na continuidade da dicotomia opressor x oprimido, combatida pelo pensamento freiriano.

Diante das dificuldades e limites da escola pública contemporânea, entendemos que cabe aos educadores progressistas, ao Estado e à sociedade como um todo produzir uma proposta de práxis educativa e de organização do trabalho didático emancipadores com o objetivo de enfraquecer o modelo atual, que está estruturalmente formatado para a manutenção de uma estrutura social desigual. Conformer-se às “práticas educacionais” que imperam nas instituições, aos moldes que o Estado e as políticas públicas têm forjado para a educação, caminha a favor de relações de desequilíbrio social, já praticamente normatizados, e sem dúvidas, induzidas pela classe dominante.

Assim, entende-se que essa escola burguesa a que se refere Alves (2001) é a mesma escola bancária combatida por Freire (2007), que ainda é o modelo mais frequente e reproduzido nas escolas públicas brasileiras, o que nos leva a crer que o papel do rapper, como artista consciente politicamente e provocador em sua comunidade precisa ser reconhecido para que professores e gestores escolares sejam capazes de introduzir tais manifestações culturais no cotidiano escolar a fim de transformar a percepção de crianças e jovens sobre sua cultura e realidade segundo uma perspectiva de uma formação crítica.

Evidentemente que somente o uso de uma manifestação cultural não altera esse contexto e tampouco as práticas culturais estão restritas exclusivamente ao rap. O que nos parece estar em jogo é a capacidade da escola de articular conhecimento científico e senso comum; contexto concreto e contexto teórico; cultura/arte erudita e cultura/arte popular. Isto é, a capacidade da escola em dialogar e não dicotomizar a construção de conhecimento em processos educativos nos quais o conhecimento de mundo do educando aparece sempre como de menor valor. Dessa forma, para Freire:

Pensar que é possível a realização de um tal trabalho em que o contexto teórico se separa de tal modo da experiência dos educandos no seu contexto concreto só é concebível a quem julga que o ensino dos conteúdos se faz indiferentemente ao e independentemente do que os educandos já sabem a partir de suas experiências anteriores à escola. E não para quem, com razão, recusa essa dicotomia insustentável entre contexto concreto e contexto teórico (FREIRE, 1997, p. 65).

A escola pode reconhecer e valorizar as manifestações culturais de seu entorno, e essa atitude colaborará na prática docente, na relação com a comunidade escolar, na escuta/leitura dos educandos e na compreensão desse contexto. Do contrário a escola se manterá distante da comunidade e dos alunos. Uma escola que só privilegia uma perspectiva de conhecimento, cultura ou linguagem é uma escola que caminha para a educação bancária e para um fazer que considera o educando um recipiente vazio.

Considerações finais

A linha de reflexão que construímos até aqui nos permite afirmar que o rap “Nova Lima, mil pecados” é um exemplo de manifestação cultural, construída no seio da comunidade, que pode colaborar na construção de conhecimento e autonomia na escola. É possível desenvolver inúmeros estudos a partir de textos e estilos que estejam impregnados no imaginário dos alunos, uma vez que, conforme dizer de Paulo Freire,

Não podemos deixar de levar em consideração as condições materiais desfavoráveis que muitos alunos de escolas da periferia da cidade experimentam. A precariedade de suas habitações, a deficiência de sua alimentação, a falta em seu cotidiano de atividades de leitura da palavra, de estudo escolar, a convivência com a violência, com a morte de que se tornam quase sempre íntimos. Tudo isso é, de modo geral, pouco levado em consideração não apenas pela escola básica, de primeiro grau, em que essas crianças estudam. (...).Tudo isso marca, inegavelmente, a maneira cultural de estar sendo dessas crianças. (FREIRE, 1997, p. 70).

É importante destacar que essa compreensão da realidade do educando, especialmente daqueles provenientes de comunidades periféricas, não pressupõe um olhar de superioridade ou de pena por parte da escola e do educador, mas trata-se de um posicionamento consciente do educador – aprendiz, que compreende que a educação é um ato político cujos efeitos recaem em todos os indivíduos envolvidos no processo. Para tanto, uma perspectiva promissora por parte de quem ensina é selecionar textos e temas que desencadeiem reflexões sobre a região. Mas como fazê-lo?

Para Barzotto, que tem pesquisado as relações entre espaço e produção de conhecimento na escola, um movimento interessante é submeter os textos que serão discutidos em aula à

seguinte indagação: “a. O material analisado trata de temas ligados à região em que foi produzido? b. Considera os saberes locais ao discorrer sobre o tema? c. Está escrito de modo a se perceber marcas locais: no modo de tratar a questão, na linguagem, etc.?” (BARZOTTO, 2019, p. 168).

Nossa experiência ao analisar a letra de “Nova Lima mil pecados” é de que a composição, em consonância com as leis que estruturam o gênero rap, atinge as três dimensões citadas por Barzotto. Trata de forma realista do cotidiano de uma comunidade periférica brasileira, mobiliza em sua descrição percepções que são conhecidas somente por aqueles que padecem diariamente os dramas vividos ali e, por fim, apropria-se de uma variante linguística falada (e somente compreendida) naquele meio para a construção de uma obra em que o conhecimento letrado (erudito) e conhecimento de mundo (popular) concorrem para a produção do sentido, ampliação dos saberes e da experiência estética.

Encerramos a incursão pelo espaço periférico de Campo Grande e suas representações mais autênticas convocando novamente a voz de Paulo Freire (1997) que nos chama a atenção para o compromisso ético de luta cotidiana por uma escola democrática de qualidade e promotora de justiça social, afirmando a função política da escola, não no sentido político-partidário, mas enquanto ação concreta no mundo como meio para a construção de uma sociedade mais justa e igual para todos.

(...) a educação é uma prática política. Daí, repetirmos, a educadora é política. Em consequência, é imperioso que a educadora seja coerente com sua opção, que é política. Em continuação, que a educadora seja cada vez mais competente cientificamente o que a faz saber o quanto é importante conhecer o mundo concreto em que seus alunos vivem. A cultura em que se acha em ação sua linguagem, sua sintaxe, sua semântica, sua prosódia, em que se vêm formando certos hábitos, certos gostos, certas crenças, certos medos, certos desejos não necessariamente facilmente aceitos no mundo concreto da professora. (FREIRE, 1997, p.65).

É nossa mais profunda convicção de que essa prática política emancipatória se dará por meio da linguagem, em toda sua potência criativa e revolucionária.

Referências

B ALVES, G. **A produção da escola pública contemporânea**. Capítulo II, tópico 4 – Os câmbios sociais e as funções da escola pública. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

BARZOTTO, V. “Espaços e movimentos de leituras errantes”. In. BARZOTTO, V; RIOLFI, Claudia (Orgs.). **Leituras errantes**. São Paulo: Editora Paulistana, 2019, p. 160-170.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho D'Água, 1997.

GRAMSCI, A. **Attilio Monasta**. Trad. Paolo Nosella. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 2010.

GUASCO, P. **Num país chamado periferia: identidade e representação da realidade entre os rappers de São Paulo**. Dissertação de mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo, 2001.

HOBBS, T. **Leviatã**. Trad. João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ISIDORO, S. No corredor do Nova Lima, domingo é dia de funk na rua, mesmo com chuva. **Campo Grande News**, Campo Grande, 09 jan. 2018. Disponível em <https://www.campgrandenews.com.br/lado-b/diversao/no-corredor-do-nova-lima-domingo-e-dia-de-funk-na-rua-mesmo-com-chuva>. Acesso em 17 de jun. 2020.

MARX, K. **Manifesto do Partido Comunista**. Trad. Álvaro Pina. São Paulo: Boitempo, 2005.

MIDIAMAX. Na raça e coragem: construção do Nova Lima veio das mãos das mulheres. **Jornal Mídiamax**, Campo Grande, 12 mar. 2017. Disponível em: <https://www.midiamax.com.br/midiamais/2017/na-raca-e-coragem-construcao-do-nova-lima-veio-das-maos-das-mulheres>. Acesso em 19 jun. 2020.

NOVA LIMA, mil pecados pecados-(La-Firma ZN Clã)[S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (10min). Publicado pelo canal LA-FIRMA ZN CLÃ. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wA3sDhmmy3c>. Acesso em 20 jun. 2020.

OLIVEIRA, S. **Para uma análise semiótica do discurso presente no texto da música**

rap. Tese de doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo, 1999.

PIMENTA, T. Da zona norte, grupo de rap La Firma é resistência em meio ao esquecimento. **Campo Grande News**, Campo Grande, 07 abr. 2008. Disponível em <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/artes-23-08-2011-08/da-zona-norte-grupo-de-rap-la-firma-e-resistencia-em-meio-ao-esquecimento>. Acesso em 18 de jun. 2020.

PRETI, D. Transformações do fenômeno sociolingüístico da gíria. In: **Revista da ANPOLL**, nº 09, 2000a, p. 213-226.

ROCHA, O. Grupo de Rap da região do Nova Lima – lança seu “grito” contra a violência. **Jornal Correio do Estado**, Campo Grande, 01 mar. 2017. Disponível em: <https://www.correio-doestado.com.br/artes-e-cultura/grupo-de-rap-da-regiao-do-nova-lima-lanca-seu-grito-contra-a/298958/>. Acesso em 18 jun. 2020.

SPOSITO, M. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. **Revista de Sociologia** USP 5(1-2), 1994, p. 161-178.

TICKNER, A. **Aquí en el Ghetto**: Hip-hop in Colombia, Cuba, and Mexico. *Latin American Politics and Society*. v. 50, n. 3, p. 121-146, outono. 2008.

Como citar

ALMEIDA, N. F.; COSTA, L. S. “Nova Lima, Mil Pecados”: quando o rap grafita um contexto sociocultural. Revista Ipê Roxo, Jardim, volume 2, número 2, páginas 68-86, dez. 2020.